

Aplicações e implicações do método biográfico de Fritz Schütze em Psicologia Social

Idilva Maria Pires Germano (Universidade Federal do Ceará)
idilvapg@ufc.br

I. A Entrevista Narrativa de Fritz Schütze: fundamentos teóricos e metodológicos

Nos anos 70, o sociólogo alemão Fritz Schütze desenvolveu um método de geração e análise de dados narrativos conhecido como Entrevista Narrativa, cuja principal característica é a exploração de narrativas “improvisadas”, isto é, relatos que o entrevistado produz sem preparação e sem a interrupção do entrevistador. Uma variante do método aplica-se aos estudos biográficos (Entrevista Narrativa Autobiográfica). Aqui, o entrevistador solicita que a pessoa conte sua história de vida a partir de um convite amplo e não diretivo e somente ao final, faz perguntas específicas.

Fundado num conjunto de tradições tais como sociologia fenomenológica, interacionismo simbólico e etnometodologia, o método de Schütze pretende revelar “estruturas de processos” pessoais e sociais de ação e sofrimento como também possíveis recursos de enfrentamento e mudança. Parte do pressuposto de que há uma “profunda relação entre o desenvolvimento da identidade de um indivíduo e suas versões narrativas de experiências históricas de vida” (Schütze, 2007, p. 8). A narração autobiográfica é vista como uma atividade elementar do “trabalho biográfico”:

“Mediante a recordação do passado, na narração autobiográfica de certas fases e episódios da vida ou ao narrar a história de vida como um todo, o narrador exprime uma ordem e estrutura de identidade básica para a sua vida que é vivida e experienciada até o momento e que se expande em direção ao futuro que está por vir. A expressão narrativa da própria vida lida não apenas com eventos externos que ocorrem com o indivíduo, mas também com as mudanças internas que a pessoa deve enfrentar ao experienciar, reagir a, moldar (e até parcialmente produzir) esses eventos externos. E reconhecendo, através da narração autobiográfica, como alguém se sentiu ao experienciar os eventos externos é um primeiro passo para o indivíduo equacionar a contínua construção e transformação de seus estados internos e sua importância para a estrutura da identidade da história de vida em desenvolvimento.” (idem: p. 8-9).

No Brasil, o método de Schütze foi difundido especialmente através do capítulo “Entrevista narrativa”, de Jovchelovitch e Bauer, incluído no manual organizado por Bauer e Gaskell (2002). O capítulo de Flick na mesma coletânea – “Entrevista Episódica” – também apresenta brevemente os procedimentos da técnica de Schütze, bem como algumas considerações sobre a estrutura narrativa do conhecimento e da experiência vinculadas à psicologia narrativa e a vários métodos de pesquisa em ciências humanas. O manual de Flick (2004) complementa muitas informações sobre o método de Schütze e outros métodos e técnicas desenvolvidos com mais expressividade na Alemanha. Os trabalhos de Schütze, bem como de outros pesquisadores vinculados à hermenêutica objetiva, têm recebido especial atenção de Wivian Weller (2007, 2008) que, no Brasil, os vêm aplicando no campo da Educação. Muitos textos sobre o método, contudo, estão disponíveis em língua inglesa, minimizando, parcialmente, a limitação bibliográfica para um público mais abrangente no país.

É importante lembrar que o método de Schütze insere-se num panorama de revitalização dos estudos biográficos e de crescente interesse pela centralidade da narrativa, iniciado nos anos 70, que afetou não apenas a sociologia alemã, mas também a sociologia em nível internacional (por exemplo, os trabalhos de Bertaux, de Chamberlayne, Bornat & Wengraf, de Denzin, de Gubrium & Holstein). Na psicologia, esse interesse pode ser acompanhado em Jerome Bruner e Dan McAdams, entre muitos outros (Rosenthal, 2003).

Na fase da iniciação da Entrevista Narrativa, o entrevistador apresenta uma “questão gerativa”, que estimule uma narração extemporânea e não respostas pontuais. Em nossa pesquisa sobre risco e vulnerabilidade social de jovens de bairros pobres de Fortaleza, nossa questão gerativa é: *“Estou pesquisando histórias de vida de jovens da cidade de Fortaleza e gostaria de conhecê-lo melhor. Para isso peço que você conte a sua história do modo que achar conveniente. Você pode levar o tempo que quiser, começar e terminar sua história como desejar, contando sua vida de modo que eu compreenda quem você é. Para que você conte sua história livremente, eu não vou interrompê-lo. Você deve me dizer quando a história acabou e somente depois eu farei algumas perguntas para esclarecer o que não entendi bem. Certo?”*

Durante a narração central, o informante produz um relato espontâneo sobre sua vida, com um mínimo de intervenção do entrevistador até a indicação de finalização por parte do narrador (“coda”). As interrupções só acontecem quando o entrevistador é incapaz de compreender o conteúdo relatado, quando então, pede esclarecimentos.

Na segunda fase - a das “perguntas imanentes”- após indicação do narrador de que a história acabou, o entrevistador faz perguntas concernentes a potenciais narrativos da história contada, que se revelam em alusões, ambigüidades e passagens implausíveis (Ex: *“Que aconteceu então quando ...?”*; *“O que você quis dizer com...?”* ; *“Você mencionou ...”*; *“Não entendi quando você disse...”*.)

Em seguida, o entrevistador procede a perguntas descritivas sobre situações vividas, sobre outras pessoas, sobre relações sociais e assim por diante (Ex: *“Como as pessoas faziam para naquele tempo/meio?”*; *“ Me fale como as pessoas lidavam com ...”*; *“ como você experimentou/sentiu nesse episódio?”*, *“como eram as relações entre naquela situação/ambiente?”*).

Posteriormente, na fase das “perguntas exmanentes”, o entrevistador pára a gravação e faz perguntas que refletem o interesse do pesquisador. Ele pode fazer perguntas “por quê?” que geram respostas de argumentação, racionalização e teorização da parte do informante sobre seus motivos, razões para proceder de tal modo. Como nós estamos interessados na teoria que o informante tem dele mesmo, esse é o momento de elucidar o processo de construção de tais teorias. Os narradores costumam revelar suas teorias sobre o que lhes ocorreu sob a forma de comentários argumentativos, que surgem principalmente ao fim de uma unidade narrativa. Neste momento, o entrevistador pode ainda perguntar sobre as razões porque os eventos tomaram tal curso e porque o informante comportou-se tal como relatou.

1.1. A Análise de Narrativas proposta por Schütze

O método de análise e interpretação da Entrevista Narrativa proposto por Schütze é “reconstrutivo”, pois visa a reconstrução dos eventos e dos processos biográficos do narrador. Para Schütze, o objetivo não é tanto “reconstruir as interpretações subjetivas que o narrador elabora de sua vida, mas sim, reconstruir ‘a inter-relação de cursos factuais de processos’” (Flick, 2004: p. 214).

Os passos da análise foram amplamente sistematizados por vários autores. Aqui, seguimos o exposto por Appel (2005) e Weller (2008).

1. *Transcrição detalhada das gravações* e registro dos apontamentos realizados após a gravação.
2. *Análise formal do texto ou diferenciação do tipo de texto*: identificação dos diferentes esquemas comunicativos (narração, descrição e argumentação) e das passagens narrativas em que se apresentam os sedimentos das experiências biográficas, conforme marcadores linguísticos e paralingüísticos de inicialização e finalização. Mini-passos incluem analisar:
 - a) Como o texto autobiográfico foi produzido e em qual atividade social está inserido/imerso. Parte da tarefa de “refração pragmática” (ver o que está em operação durante a narração: o informante está produzindo um relato de legitimação em vez de concentrar em contar os eventos?)
 - b) Como o entrevistador e informante entenderam o acordo sobre o tipo de entrevista (as regras da EN) para produzir um relato de vida histórico em sua interação (e não, por exemplo, um *curriculum vitae*)
 - c) Onde e como outros esquemas comunicativos além da narração (ex. descrição e argumentação) ocorrem e quais são suas funções representacionais e comunicativas.
 - d) (Se a transcrição não foi feita pelo analista): Como o material foi editado (quanto e em que direção).
3. *Descrição seqüencial da estrutura* (“Descrição estruturada do conteúdo”): análise detalhada e em seqüência de cada segmento da narração central (e também de segmentos oriundos das fases posteriores das perguntas) em termos dos fenômenos estruturais do texto (introdução, frases-chave, detalhamento, avaliação do sedimento biográfico, “construções de fundo” etc.), dos acontecimentos e experiências apresentados e suas relações com estruturas processuais biográficas (etapas da vida, eventos-chave, imbricação de episódios, linha da biografia, esquemas de ação etc.) e coletivas, bem como em termos de outros elementos que podem tornar visíveis esquemas de ação (em que o sujeito intencionalmente age para controlar ou modificar uma situação biográfica) e trajetórias ou processos de sofrimento (em que o sujeito perde a capacidade de conduzir sua vida intencionalmente, vendo-se forçado a agir de forma reativa a circunstâncias externas).

O primeiro passo é, no colóquio dos analistas, fazer comentários livres e gerais sobre o texto lido para formular idéias e hipóteses e identificar temas principais e secundários, fazer primeiras abstrações, controlar preconceitos etc. antes da análise seqüencial. Depois segue-se a microanálise do texto com a delimitação das unidades narrativas uma a uma e a identificação de seus temas ou mensagens principais (Ex. “Escarização interrompida precocemente por ocasião do desemprego do pai”). O último passo dessa microanálise é a pergunta: Há indicadores de processos biográficos estruturados (ex. esquemas de ação com relevância biográfica, trajetórias de sofrimento, processos de mudança da identidade)?
4. *Abstração analítica*: análise que abrange a formação biográfica geral (reconstrução dos processos estruturais, sua sucessão e modos de vinculação); a reconstrução das teorias biográficas do narrador; e a distinção entre as características específicas da biografia do entrevistado e aquelas gerais (que podem ser encontradas noutros casos). O passo da abstração analítica também lida com a “análise do conhecimento” do entrevistado, isto é, “com as relações

entre as auto-reflexões e teorias de si produzidas pelo encarregado da biografia, por um lado, e o fluxo dos processos estruturais factuais da biografia, por outro.” (Schütze, 2007, p.24). Assim, o pesquisador deve reunir e analisar todas as atividades de auto-teorização disseminadas na biografia. Segundo Jovchelovitch e Bauer (2002), a proposta é comparar essas “teorias” (sobre como as coisas acontecem, por que acontecem, a relação entre situações/acontecimentos, sua legitimidade etc.) com elementos da narrativa de vida, buscando destacar um modelo/esquema de auto-compreensão do informante. Segundo Weller (2008), os elementos não indexados incluem: teorias sobre o “eu”, teorias explicativas, avaliação da trajetória biográfica ou teoria sobre a biografia, explicações ou construções de fundo, projetos biográficos/modelos ou teorias de orientação, descrições abstratas, avaliações gerais e teorias comentadas.

Em sua análise da história de uma líder indígena otomie no México, primeiramente Appel (2005) lista, em seqüência, os principais processos biográficos estruturados que compõem a gestalt ou configuração biográfica da história de vida da informante: potenciais da trajetória biográfica, esquemas de ação para controlar a trajetória, disposição biográfica para enfrentar os obstáculos, transformação da trajetória, processo de transformação da identidade etc. Depois, na reconstrução das teorias biográficas da entrevistada, ele discorre sobre as mudanças quanto à avaliação de sua vida pessoal e o sistema de conhecimentos e orientações e quanto às discrepâncias ou contradições entre os comentários biográficos e os processos biográficos estruturados. No terceiro momento, ele trata das características específicas e gerais do estudo em termos da sua problemática mais ampla (dimensões biográficas e sociais da transformação cultural entre as sociedades locais dos índios otomies). Este momento é mais abstrato e ele lista categorias analíticas que podem iluminar outras sociedades tradicionais em transformação.

5. *Comparação contrastiva*: verificação da significação geral dos conhecimentos resultantes dos estudos de caso singulares a partir de “contrastes mínimos” e “máximos”. Mediante contraste mínimo, comparam-se situações próximas às encontradas na análise da primeira entrevista (por exemplo, no caso de pesquisa com jovens, outras entrevistas de jovens que participam de um mesmo projeto assistencial ou escola). Mediante contraste máximo, selecionam-se textos de entrevista que apresentem diferença mais acentuada em relação à primeira entrevista (por exemplo, jovens que não participam de atividades “de proteção social” ou que apresentem algum tipo de envolvimento com medidas sócio-educativas, como forma de gerar insights sobre novas e diferentes dimensões de processos biográficos e coletivos envolvidos no risco, vulnerabilidade e proteção de jovens que configura o campo temático de estudo).

6. *Construção de um modelo teórico*:

Com base em procedimentos da teoria fundamentada (“grounded theory”), aplicados à análise minuciosa das entrevistas, o pesquisador finalmente procura elaborar modelos teóricos mais gerais acerca da trajetória biográfica de indivíduos oriundos de certos grupos ou contextos sociais (grupos definidos por critérios profissionais, de gênero, de idade, de condição sócio-econômica e outros mais específicos).

II. Uma proposta de aplicação do método de análise de entrevistas narrativas de Schütze para o estudo de problemas juvenis

Multidisciplinar, a Entrevista Narrativa tem sido utilizada em diferentes tipos de problemáticas na pesquisa social, acompanhando o recente avanço dos estudos biográficos e o interesse generalizado por métodos que equilibrem as perspectivas micro e macro-sociais. Esses estudos envolvem temáticas como migração, trauma de guerra, manejo e reestruturação de carreiras profissionais, enfrentamento de doenças graves, marginalização de segmentos populacionais e outras.

Incluído numa pesquisa quantitativa ampla sobre o perfil dos jovens brasileiros que vivem em bairros de baixa renda com outros indicadores de risco e vulnerabilidade social, o projeto “Juventude e vulnerabilidade: perspectivas biográficas e culturais sobre risco e proteção em Fortaleza”(Germano, 2009) propõe-se realizar entrevistas narrativas com 25 jovens de 14 a 24 anos que fazem parte da amostra mais abrangente do estudo. As informações biográficas e socioculturais obtidas mediante entrevistas narrativas visam complementar e aprofundar os dados a serem coletados por meio do questionário padronizado. As entrevistas permitem estudar os fatores de risco e proteção juvenil por um ângulo mais personalizado, além de capturar tipos e peculiaridades de trajetórias individuais e coletivas em tais coletividades e o sentido que os jovens atribuem à sua história e outras histórias semelhantes nas circunstâncias em que vivem.

Tais entrevistas visam o registro de suas narrativas autobiográficas para obtenção de informações sobre trajetórias pessoais na perspectiva do próprio jovem. A intenção é gravar e analisar histórias de vida de jovens que enfrentam as situações de risco de modo bem sucedido e aqueles que não o conseguem, podendo culminar em trajetórias de conflito com a lei. Investigação prévia (Germano e Serpa, 2008) com autobiografias de jovens cumprindo medidas sócio-educativas sugere a importância de complementação dos dados quantitativos sobre a juventude em situação de risco mediante técnicas que acessem o mundo intencional dos atores sociais em seus próprios termos.

O estudo de narrativas autobiográficas com os jovens em situação de vulnerabilidade social aqui proposto ampara-se nas teorias de psicologia narrativa que supõem que a existência humana é caracterizada por ostentar uma estrutura narrativa; tal estrutura de fato é concebida como “princípio organizador” da experiência humana, o qual permite que os indivíduos tornem inteligíveis as situações, eventos e ações ocorridos no curso de suas vidas (Sarbin, 1986; Polkinghorne, 1988, Bruner, 1997, 1998; Gergen & Gergen, 2001). Central é o entendimento sobre como os seres humanos fenomenologicamente experimentam o tempo e se orientam em relação a ele. De fato, a interpretação dos muitos episódios que configuram uma vida parece exigir uma articulação de tipo narrativo nas culturas humanas. “Quem eu sou” exige que eu construa um enredo dispondo os fragmentos do vivido numa seqüência temporal e consequencial inteligível. Com base na perspectiva da psicologia narrativa, o objetivo desta pesquisa biográfica com jovens em Fortaleza é compreender como o jovem pensa, sente e reflete sobre suas experiências. As histórias contadas poderão iluminar os processos de interação indivíduo-sociedade-cultura que ocorrem nas circunstâncias particulares que envolvem os narradores e com isso, vislumbrar potenciais de risco e proteção nas trajetórias construídas pelos próprios jovens na situação de entrevista. Por conta da intriga ou enredo, as histórias podem tornar mais transparentes e concretas as articulações entre “fatores” e “dimensões” de risco e proteção que pesquisas quantitativas correlacionam estatisticamente.

Algumas perguntas de partida orientam nossa proposta:

- Que tipos e estilos de narrativas autobiográficas são produzidas por jovens em situação de risco e vulnerabilidade social em Fortaleza?
- Há alguma correlação entre os tipos de narrativas e o grau de risco social?

- Em termos do material indexado das narrativas produzidas, que tipos de personagens, cenários, situações, ações, metas etc. surgem nos enredos?
- Nos enredos, como os jovens narram e avaliam os fatores de risco social (tais como drogas, gravidez precoce, abandono da escola, trabalho precoce, pobreza etc.) em suas histórias pessoais e de pessoas conhecidas?
- Nos enredos, como os jovens narram e avaliam os fatores de proteção social (vinculadas à família, escola, religião, trabalho, etc.) em suas histórias pessoais e de pessoas conhecidas?
- Segundo os enredos construídos, há situações típicas ou comuns que colocam os narradores protagonistas em perigo iminente de conflito com a lei ou prestes a tomar decisões equivocadas e danosas para si mesmos?
- Em termos do material não indexado, quais valores, juízos, conhecimentos e ideologias configuram a “sabedoria de vida” desses jovens narradores? Como tais saberes permitem compreender tomadas de decisão, eventos-chave e pontos de transformação pessoal nas suas biografias?
- Quais as principais diferenças entre linhas de intriga produzidas por jovens do sexo masculino e jovens do sexo feminino? Como o risco e a proteção são narrados segundo o gênero?
- Quais os principais medos, expectativas e aspirações segundo o gênero?
- Quais as principais diferenças entre as autobiografias de jovens que avaliam positivamente suas trajetórias daqueles que o fazem negativamente?

Parece-nos que a análise de narrativas autobiográficas segundo o método de Schütze permite explorar mais profundamente a problemática biográfica – aqui, focada na vida de jovens - especialmente a partir de suas formulações acerca das formas textuais de representar estruturas biográficas. O sociólogo identificou formas recorrentes que estão relacionadas a modos específicos de experienciar a biografia, que ele chamou “processos estruturais” do curso da vida ou “processos biográficos estruturados”. Essas categorias analíticas, empiricamente obtidas, expressam atitudes e conceitos básicos do protagonista da biografia frente às suas experiências de vida:

- a) Esquemas de ação biográficos - Incluem esquemas de atuação com relevância biográfica em que o protagonista busca mudar uma situação de vida e controlar situações difíceis que ameaçam sua capacidade de atuar intencionalmente e alcançar um objetivo de vida.
- b) Padrões institucionais do curso da vida (de expectativas institucionais) - Padrões nos quais as pessoas seguem cursos de vida definidos institucional e normativamente e que são típicos da sociedade e cultura do narrador (ex. ciclos de vida familiar, etapas escolares, profissões etc.)
- c) Metamorfoses: Transformações criativas da identidade indicando que um importante desenvolvimento interior emerge. O narrador se dá conta de que descobriu e desenvolveu novas capacidades biográficas antes não imaginadas e essas progressivamente alteraram sua auto-imagem e sua visão do mundo.
- d) Trajetórias biográficas: processos biográficos de sofrimento prolongado e duradouro, de ser subjugado por forças externas e de haver perdido a capacidade ou autonomia para controlar as circunstâncias da vida.

As muitas condições de desestabilização da vida que podem ser vividas por adolescentes e jovens, especialmente nos bairros mais pobres e violentos (drogas, interrupção da vida escolar, trabalho e gravidez precoces etc.) podem se revelar na narração autobiográfica como trajetória de sofrimento que provoca desordem crescente

(“cumulative mess”) e auto-alienação. Em sentido reparador, a ocasião da entrevista narrativa é particularmente propícia ao *trabalho biográfico*, processo que envolve (Schütze, 2007, p. 6): compreender sua própria pessoa como uma identidade única, que se desenvolve positivamente; reconhecer quais os seus potenciais e os mecanismos para seu desenvolvimento (na forma mais elementar, isto significa recordar sua própria história); reconhecer os impedimentos e impossibilidades desse desenvolvimento (incluindo suas próprias incapacidades e falsas noções sobre si); descobrir se há ou não modos alternativos de compreender o desenvolvimento da identidade pessoal e como alcançá-los; descobrir em que direção o desenvolvimento de sua identidade deveria seguir e quais seriam os modos exequíveis de amparar tal desenvolvimento; e decidir sobre os próximos passos para reconhecer e concretizar tal desenvolvimento.

Podemos afirmar que, para caracterizar risco e vulnerabilidade social a partir de narrativas autobiográficas, o intérprete deve estar atento não apenas à exibição de eventos, cenários e situações frequentemente entendidos como indicadores indesejáveis de desenvolvimento, mas também ao modo como esses elementos são dispostos no enredo global de uma vida revisada (isto é, “trabalhada”) reflexivamente. O risco e a vulnerabilidade, então, podem ser compreendidos como trabalho de construção do narrador em interação dialógica com seu ouvinte. Isso significa que nem todas as circunstâncias indesejáveis (apontadas estatisticamente como fatores de risco social) serão construídas nesses termos pelo informante.

Nesse sentido, fatores de “risco” e de “proteção” podem ser matizados em função do modo como são elaborados na narrativa autobiográfica. Para evitar compreender as narrativas de forma ingênua, sua análise leva em conta os diversos contextos que envolvem o trabalho biográfico do informante, à medida que conta sua história de vida: o pano de fundo da experiência vivida, as situações em que essas experiências foram contadas pela primeira vez para outras pessoas significativas, as estruturas de processo dominantes (ou em competição) na experiência vivida, a estruturação biográfica global da história de vida que orienta a atitude e perspectiva do informante, e as expectativas e condições sociais de contar a própria história para um outro significativo (amigo, namorado, terapeuta, entrevistador etc.). Esse procedimento – “refração pragmática” – envolve o “encaixe analítico” (“analytical embedding”) das formulações verbais do narrador nesses cinco tipos de contexto (Schütze, 2007: pp. 13-14).

III. Alcance e limites do método de análise de narrativas de Schütze

Entre as dificuldades e críticas à aplicação e análise da Entrevista Narrativa, propostas por Schütze, estão questões sobre pressupostos de base epistemológica.

O método de análise de Schütze baseia-se em certas pressuposições acerca da relação entre a estrutura da narração e a experiência vivida que suscitam discussão. A principal crítica (assinalada por Heinz Bude *apud* Flick, 2004 e Apitsch e Siouti, 2007) é a de uma suposta “homologia” entre narrado e vivido, isto é, a suposição de que a narrativa espontânea seja uma recapitulação ou reprodução verdadeira do fato passado. Essas considerações evocam as filigranas do debate construcionista no campo da Psicologia Social que atinge diretamente qualquer pretensão de objetividade na interpretação. Como afirmam Apitsch et al (2007), os argumentos contrários à reconstrução de cursos factuais partindo de narrativas biográficas centram-se em suas premissas metodológicas principais: o foco específico no material narrativo e a lógica da pesquisa que generaliza a partir da análise biográfica de casos singulares. Para defensores de Schütze, o método não se baseia em homologia, mas na estrutura da

narração biográfica como “a estrutura da construção da experiência da história de vida relembada” (Rosenthal *apud* Apitsch et al, 2007).

Ponto importante é a vinculação de Schütze a uma postura epistemológica interpretativista ou “hermenêutica objetiva” (valendo-nos aqui da classificação de Denzin e Lincoln, 2006) e sua adoção dos princípios metodológicos da “grounded theory”, que não renuncia aos critérios de rigor e ao tratamento sistemático de dados.

Tal posição leva Schütze a rejeitar tanto a idéia de que as narrações autobiográficas representem a realidade pessoal e social como um espelho, quanto a idéia de que as narrações são fundamentalmente ficções textuais, isto é, que podem ser construídas livremente e modificadas basicamente para atender a funções sociais das interações em que foram produzidas. Schütze crê que na narração oral improvisada, torna-se premente ao narrador expressar experiências de vida factuais, mais que administrar a auto-imagem. Em sua teoria narrativa, Schütze formula que a narração “provoca o ordenamento seqüencial da recapitulação das experiências biográficas quanto à estrutura formal e em relação ao conteúdo” (Appel, 2005: p.6). Os sedimentos da experiência autobiográfica revelam-se por meio dos marcadores lingüísticos (ex. “então”, “talvez”, “depois”, “algum dia”) e paralingüísticos (pausas, interrupções, correções, entonações”).

Argumentos oriundos de uma perspectiva dialógica da identidade narrativa (portanto, mais atenta à desordem, incoerência e descontinuidade do auto-conhecimento), defendem a análise das “pequenas histórias”, em oposição aos métodos de análise global das narrativas. Considera-se que os episódios e fragmentos de narrativas colhidos em entrevistas e outros contatos podem substituir o foco nas “grandes histórias” enfatizadas por estudos biográficos como os de Schütze (Bamberg, 2006).

Em nossa experiência entrevistando adolescentes e jovens vinculados a medidas sócio-educativas, observamos algumas dificuldades de aplicação da técnica de geração de dados, nomeadamente a fuga de uma narração autobiográfica autêntica (por motivo de vergonha, para auto-proteção e outras razões). De fato, em tais circunstâncias, a relação entrevistador-entrevistado ensejou estratégias auto-legitimadoras e relatos autobiográficos reforçadores de sua condição de indivíduos recuperados, prontos para voltar à sociedade. Houve relatos em que dominou o esquema da argumentação (e não da narração como se espera no relato improvisado) e que praticamente não permitiu identificar uma linha da história. Dificuldade de compreensão e obediência às regras da Entrevista Narrativa também são comuns nesses casos, uma vez que implicam a motivação dos jovens para o “trabalho biográfico” e, usualmente, o investimento de algumas horas para esse fim.

IV. Considerações finais:

Neste trabalho, a intenção foi apresentar o método da Entrevista Narrativa, de Schütze, e discutir suas possibilidades para a investigação biográfica de jovens considerados sujeitos ao “risco” e à “vulnerabilidade” social.

Argumenta-se que o método de Schütze, em sua forma original ou mesclada a outros métodos, fornece pistas para compreender a articulação entre biografia e estruturas sociais na pesquisa sobre juventudes desfavorecidas, especialmente mediante interpretação das “trajetórias” ou processos de sofrimento que afetam tanto indivíduos quanto coletividades.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- APITZSCH, U. & SIOUTI- Biographical analysis as an interdisciplinary research. Frankfurt am Main, Johann Wolfgang Goethe Universität, 2007. Disponível em: http://www.york.ac.uk/res/researchintegration/Integrative_Research_Methods/Apitzsch%20Biographical%20Analysis%20April%202007.pdf ; Acesso em 05/09/2008.
- APPEL, M. La entrevista autobiográfica narrativa: fundamentos teóricos y la praxis del análisis mostrada a partir del estudio de caso sobre el cambio cultural de los Otomíes en México. **Forum Qualitative Sozialforschung / Forum: Qualitative Social Research**, 6(2), 2005. Disponível em: <http://nbn-resolving.de/urn:nbn:de:0114-fqs0502160>. Acesso em 30/09/2008.
- BAMBERG, M. (2006). Biographic-narrative research, quo vadis? A critical review of 'big stories' from the perspective of 'small stories'. In K. Milnes, C. Horrocks, N. Kelly, B. Roberts, and D. Robinson, (Eds). **Narrative, memory and knowledge: Representations, aesthetics and contexts**. Huddersfield: University of Huddersfield Press, 2006. Disponível em : http://lingcult.files.wordpress.com/2009/04/bamberg_big-stories-and-small-stories.doc . Acesso em: 19/08/2009.
- BAUER, M.W.; GASKELL, G. (Org) **Pesquisa qualitativa, imagem e som: um manual prático**. Petrópolis, R.J: Vozes, 2000.
- BRUNER, J. Atos de significação. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.
- DENZIN, N.K.; LINCOLN, Y.S. e col. O Planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens. Porto Alegre: Artmed/Bookman, 2006.
- FLICK, U. **Uma introdução à pesquisa qualitativa**. Porto Alegre: Artmed/Bookman, 2004.
- GERGEN, K.; GERGEN, M. Narratives of the self. In Hinchman & Hinchman (Eds). **Memory, identity, community: the idea of narrative in the Human Sciences**. Albany, NY: State University of New York Press, 2001.
- GERMANO, Idilva. **Juventude e vulnerabilidade: perspectivas biográficas e culturais sobre risco e proteção em Fortaleza**. Projeto de Pesquisa. Fortaleza, Departamento de Psicologia da Universidade Federal do Ceará. 2009.
- GERMANO, Idilva M.P. ; SERPA, Francisca Adriana da S. Narrativas autobiográficas de jovens em conflito com a lei. **Arquivos Brasileiros de Psicologia**. 60 (03). Disponível em <http://www.psicologia.ufrj.br/abp/>
- POLKINGHORNE, D. **Narrative knowing and the human sciences**. NY: State University of New York Press, 2008.
- ROSENTHAL, Gabrielle. The Healing Effects of Storytelling: On the Conditions of Curative Storytelling in the Context of Research and Counseling. **Qualitative Inquiry**; 9; 2003, 915.
- SARBIN, T. R. (Ed.). **Narrative Psychology: the storied nature of human conduct**. Westport, Connecticut: Praeger Publishers, 1986.
- SCHUTZE, F. Biography analysis on the empirical base of autobiographical narratives: How to analyse autobiographical narrative interviews-Part 1. Module B.2.1. **INVITE-Biographical counseling in rehabilitative vocational training-further education curriculum**, 2007. Disponível em: <http://www.biographicalcounselling.com/download/B2.1.pdf> ; Acesso em 30/09/2008.
- SCHUTZE, F. Biography analysis on the empirical base of autobiographical narratives: How to analyse autobiographical narrative interviews-Part 2. Module B.2.2. **INVITE-Biographical counseling in rehabilitative vocational training-further education curriculum**, 2007. Disponível em:

<http://www.biographicalcounselling.com/download/B2.2.pdf> ; Acesso em 30/09/2008.

STRAUSS, Anselm; CORBIN, Juliet. **Pesquisa Qualitativa: técnicas e procedimentos para o desenvolvimento de teoria fundamentada**. Porto Alegre: Artmed/Bookman, 2008.

WELLER, Vivian. **A hermenêutica como método empírico de investigação**.

Caxambu/MG. XXX Reunião Anual da ANPED. GT Filosofia, 2007.

WELLER, Vivian. Notas do Curso “Entrevista narrativa”. II CIPA –Congresso Internacional sobre Pesquisa (auto)Biográfica. Natal, 2008.